

BI

BOLETIM

INFORMATIVO

207

2º trimestre 2018

Delegações

*Professores franceses
sob tensão*

31
ANIVERSÁRIO

asp
férias

CONVERSAS ASSP

ASSP VIAGENS
Viaje com a ASSP

*Professor Doutor Barata-Moura
no Congresso da ASSP*



Nesta edição

<i>Editorial</i>	3
<i>Delegações</i>	4
<i>Artigo</i>	8
<i>"Professor Doutor Barata-Moura no Congresso da ASSP, em Évora, «Nós Professores. Habitar o Futuro»"</i>	
<i>Delegações</i>	10
<i>37º Aniversário ASSP</i>	14
<i>Conversas ASSP</i>	16
<i>ASSP Viagens</i>	17
<i>Delegações</i>	18
<i>Artigo</i>	22
<i>Professores franceses sob tensão</i>	
<i>ASSP Férias</i>	23
<i>Delegações</i>	24
<i>Protecção de Dados</i>	27

Residências Sénior (ERI) Casas dos Professores



Aveiro

Rua Nova, 50, Santiago-Glória
3810-370 Aveiro
Tel. 234 373 230



Carcavelos

Rua Pedro Álvares Cabral, 150
2775-615 Carcavelos
Tel. 214 584 400



Porto

Est. Interior da Circunvalação,
3201 - 4350-111 Porto
Tel. 225 106 270



Setúbal

Avenida António Sérgio, 1
2910-404 Setúbal
Tel. 265 719 850

Delegações

AÇORES

Praça da Autonomia Constitucional, 7, Paim
9500-787 Ponta Delgada
Tel./Fax 296 286 034
d.acores@assp.pt

ALGARVE

Rua Engº Aboim Sande Lemos, 14, R/C
8000-544 Faro
Tel./Fax 289 824 822 | d.algarve@assp.pt
Casa em Pechão
Tel. 289 723 744

AVEIRO

Rua Nova, 50, Santiago-Glória
3810-370 Aveiro
Tel. 234 373 230 | Fax 234 348 446
Tlm. 963 767 425
d.aveiro@assp.pt

BEJA

Rua Infante D. Henrique,
Edif. Escola Primária N.º 4
7800-318 Beja
Tel. 284 087 018 | Tlm. 960 195 118
969 172 537
d.beja@assp.pt

COIMBRA

Travessa dos Combatentes da Grande Guerra, 3
3030-181 Coimbra
Tel./Fax 239 483 952
d.coimbra@assp.pt

ÉVORA

Rua Chafariz D'El Rei, 31
7005-323 Évora
Tel./Fax 266 709 477 | Tlm. 967 804 246
d.evora@assp.pt

GUIMARÃES

Rua Alto da Bandeira, 23
4835-014 Creixomil
Tel. 253 512 369 | 253 103 466
Tlm. 967 532 787
d.guimaraes@assp.pt

LEIRIA

Av. Combatentes Grande Guerra, 65, 1º Esq.
2400-123 Leiria
Tel./Fax 244 813 492 | Tlm. 966 260 077
d.leiria@assp.pt

LISBOA

Rua D. Dinis, 4, I 1250-077 Lisboa
Tel. 213 700 330 | Fax 213 700 338
d.lisboa@assp.pt

MADEIRA

Rampa do Forte, 2 - Santa Maria Maior
9060-122 Funchal
Tel. 291 229 963 | Fax 291 282 546
d.madeira@assp.pt

PORTALEGRE

Rua Capitão José Cândido Martinó, 1
7300-295 Portalegre
Tel./Fax 245 331 612
d.portalegre@assp.pt

PORTO - NOVAS INSTALAÇÕES

Praça General Humberto Delgado, nº 267,
2º andar, salas 9, 10 e 11
4000-288 Porto
Tel. 222 032 049
d.porto@assp.pt
Casa da Torre
Rua da torre, nº 208, 4580-752 Sobrosa
Tel. 255 963 538 | Tlm. 931 736 357

Núcleo de V. Nova de Gaia

Rua Paula Vicente, 30,
4400-243 Vila Nova de Gaia

SANTARÉM

Rua Luíz Montez Matoso, 38
2005-145 Santarém
Tel./Fax 243 322 212
d.santarem@assp.pt

SETÚBAL

Avenida António Sérgio, 1
2910-404 Setúbal
Tel. 265 719 850 | Fax 265 719 851
d.setubal@assp.pt

VISEU

Rua 21 de Agosto, Edifício Viriato, BL 5A - 1º A
3510-120 Viseu
Tel. 232 449 099 | Tlm. 925 321 167
d.viseu@assp.pt

Sede Nacional



SERVIÇOS CENTRAIS

Largo do Monte, 1 | 1170-253 Lisboa
Tel. 218 155 466 | 218 888 428
Fax 218 126 840
www.assp.pt | info@assp.pt
Seg. a Sex. 9.00h-13.00h / 14.00h-17.30h

Informação vs. Incerteza



Ana Maria Morais

Presidente da Direcção Nacional da ASSP

A informação assume, hoje em dia, uma importância crescente. É fundamental em qualquer Instituição na descoberta e introdução de novas tecnologias, na exploração de novas oportunidades e ainda na planificação de toda a actividade.

A fluidez dos canais de informação é essencial para permitir um melhor conhecimento de todos os Colaboradores acerca da realidade da Instituição, permitindo assim uma gestão mais participativa e mais eficiente dos recursos.

O conceito de Informação significa um processo de comunicação ou algo relacionado com comunicação, mas na realidade existem muitas e variadas definições de Informação. Podemos dizer que Informação é um processo que visa o conhecimento, ou, mais simplesmente, Informação é tudo o que reduz a incerteza.

Um instrumento de compreensão do mundo e da acção sobre ele.

A ASSP, como Instituição activa é, por natureza, um sistema aberto e interactivo suportado por uma rede de processos articulados, onde os canais de comunicação existentes dentro da Instituição e entre esta e o seu meio envolvente devem ser irrigados por informação.

Actualmente, as Instituições estão rodeadas de um meio envolvente que pode ser bastante turbulento, adquirindo características diferentes das habituais, em que a mudança é a única constante. Já Heraclito dizia: não há nada mais permanente do que a mudança. A mudança produz incerteza e a única forma de minimizar a incerteza é disponibilizar informação.

Podemos dizer que à escala das Organizações, a informação é um factor decisivo na gestão por ser um recurso importante e indispensável tanto no contexto interno como no relacionamento com o exterior. Quanto mais fiável, oportuna e exaustiva for essa informação, mais coesa será a Instituição e maior será o seu potencial de resposta às solicitações que lhe são exigidas.

O acesso à informação e a possibilidade de, a partir dela, extrair e aplicar conhecimentos, é vital para o aumento da capacidade da ASSP valorizar o "Ser Professor" e a "pertença à ASSP" como património imaterial da nossa Associação.

Donativos

No ano de 2017, a ASSP recebeu de Associados, empresas e amigos, donativos no valor de 49.128,33€. Adicionalmente, uma Associada de Lisboa legou à Associação um T1 em Lisboa e um T0 no Alvor.

Ficha Técnica

DIRECTORA

Ana Maria Morais

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa

Tel. 218 155 466 / Fax 218 126 840

info@assp.pt / www.assp.pt

PROPRIEDADE

Associação de Solidariedade Social dos Professores

COORDENAÇÃO EDITORIAL

ASSP Comunicação

CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Sandro Costa

IMPRESSÃO

Finepaper - Rua do Crucifixo, n.º 32 - 1100-183 Lisboa

REDACÇÃO

Largo do Monte n.º 1 - 1170-253 Lisboa

assp.comunicacao@gmail.com

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS ASSOCIADOS

Isenta de registo na ERC ao abrigo do DEC- REG 8/99 de 9/6 art.12º n.º1 - A

Depósito Legal36086/90

Número Avulso0,50 €

Assinatura anual solidária10,00€

Tiragem (n.º exemplares)10 500

NOTA

A adopção do Novo Acordo Ortográfico é da responsabilidade dos autores.

ARTE, expressão da VIDA

Por iniciativa da Delegação da ASSP Açores, os associados tiveram o privilégio de apreciar uma belíssima exposição intitulada INTERIOR/EXTERIOR, no museu Carlos Machado, em Ponta Delgada.

Como do título se pode inferir, a exposição explora as relações entre o interior e o exterior a partir de três referentes – o corpo, a casa e a ilha – que se interligam na relação do próprio corpo consigo mesmo e com o outro, com os lugares, com a passagem do tempo que imprime marcas numa dimensão histórica, geográfica e política, as diferentes áreas do saber como a medicina, a arte e a literatura, a articulação entre o local e o global...

A iniciar esta reflexão, a contemplação de uma sensual escultura de Rossetti, delicado corpo feminino contrastando lado a lado com o seu interior oculto, o crânio. Estimulados por circunstâncias exteriores, pensamos, sentimos, criamos imagens e o modo como nos olhamos a nós próprios, ao mundo e ao outro. O corpo transforma-se, cria outros corpos, é misto de desejo e espiritualidade, VIDA, mistério entre dois abismos, mar e céu, que convergem no infinito.



A casa, eco de memórias que nos pertencem, separa o público do privado; a porta, a passagem para o interior, a nossa intimidade.

A ilha, emergindo do interior do oceano, situada entre duas forças, mar e vulcões é local da identidade cultural, confluência de diferentes culturas "...uma construção cultural, plural, negociada e em constante mutação."



Através das obras expostas viajamos da arte à ciência, à pintura, à literatura, à história, à política, do individual ao colectivo, do material à espiritualidade, do sagrado ao profano... Uma lição de excelência em que a Arte terá sido a expressão da vida em todas as suas formas, uma representação objectiva da realidade.

Ana Rosa
Associada nº 19583



ERRATA

No BI nº 206 referente ao 1º trimestre 2018, no artigo "A Vida é tão certa como 2+2=5", da responsabilidade da Delegação Açores, no segundo verso da quinta quadra, da autoria do associado Jaime Figueiredo, onde se lê "traz", deverá ler-se "tras". Pelo erro assumimos a responsabilidade e pedimos as nossas desculpas.

Esclarecemos também que José Mendonça é apenas o autor da citação que termina o artigo e não do texto que é da exclusiva responsabilidade desta Delegação.

O postal ilustrado

Da comunicação à sedução

Eram, nos seus tempos de apogeu, as redes sociais de hoje: milhões de postais ilustrados cruzavam oceanos, percorriam estradas e caminhos até chegarem, sedutores e desenvoltos na sua apresentação sem disfarces, às mãos de quem os recebia. Complementos indispensáveis da fruição de momentos prazerosos, de ócio ou de viagem, os postais ilustrados traziam consigo, quase sempre, mensagens optimistas e ligeiras, concisas, evocando uma data ou referindo um acontecimento festivo, reafirmando um afecto, uma lembrança. Ou uma saudade...

Em tempos mais recuados, o bilhete postal não ilustrado surgira como uma solução barata e prática, de fácil observação e eventual censura. Paralelamente, a partir de meados do século XIX, a fotografia conquistava enormes progressos e a sua história é inseparável da história do postal ilustrado que dela deriva.

Num mundo ávido de imagens, em que tudo era ainda desconhecido, mesmo se geograficamente próximo, a fotografia transformou-se rapidamente num fenómeno de comunicação e numa moda para os afortunados que podiam reunir vastas colecções e comprazer-se na sua observação em reuniões familiares ou sociais. Em finais do século XIX, os postais fotográficos, entretanto oficializados, começaram a viajar.

Numa época sem cinema nem televisão, nem sequer revistas ilustradas com fotografias, os postais fotográficos eram o espelho de um mundo fragmentado em imagens. Seguindo a estética da fotografia, mostravam paisagens naturais ou aspectos das vilas e cidades, orgulhosas dos seus edifícios emble-



máticos e dos novos meios de transporte, assim como cenas do quotidiano, na rua, na oficina, nos mercados, na labuta da terra e do mar. Os postais difundiam acontecimentos relevantes da vida local ou nacional, informavam, faziam humor e publicidade. Seduziam e procuravam também convencer e influenciar politicamente. A produção das primeiras décadas do século XX constitui a "época de ouro" do postal ilustrado.

Depois de uma fase de estagnação, o postal ilustrado renasce, a partir dos anos 60, desta vez como um recurso de "marketing" ao serviço da promoção turística que, por sua vez, é o reflexo de um contexto mais vasto, social, cultural e político.

Tomando como exemplo o caso do Algarve, criou-se através dos "clichés" habituais, a imagem de um lugar paradisíaco, cristalizado no tempo, imaginário, mas que paradoxalmente se queria autêntico e colorido. Além disso, os cânones da época queriam passar a imagem de um Algarve tradicional que além das paisagens, das amendoeiras floridas, carroças e chaminés incluía também o tema do trabalho, agora mais artificial e "folclorizado" com trajes típicos, no exercício dos ofícios tradicionais.

Embora alterando e simplificando uma realidade mais complexa, estas imagens serão também sedutoras para o algarvio de nascença, ao criarem um universo mítico que aviva e idealiza certas lembranças, permitindo assim o reforço de uma identidade.

Marcela Vasconcelos, associada nº 1300



A casa do professor

... aos meus olhos

Foi em setembro de 2012 que cheguei à *Casa do Professor* pelo facto de me ter sido diagnosticado Parkinson Juvenil, doença que me obrigou a repensar todos os meus sonhos e ambições.

Nesta Casa passei por momentos de muita aflição e angústia, onde foi muito importante a compreensão e postura da Direção e dos funcionários a quem estou muito grato por todo o carinho.

Como nunca fui uma pessoa dada a rotinas e muito menos conformado com o que quer que seja, envolvo-me com muita paixão em todos os projetos, tentando combater a frustração com que quase todos os dias me deparo.

É neste espaço que vou reinventando os meus dias com diversas atividades que me dão algum prazer. Foi numa destas que nasceu a vontade que sempre tive de escrever. Acabei por escrever um livro de memórias, "Pedaços de Mim", que compila algumas das mais mar-

cantes histórias da minha vida. É um livro que pretende ser de partilha, de afetos, da minha infância, das vivências familiares, do percurso académico e profissional, do amor pela companheira de uma vida, dos três filhos do coração, da doença...

Termino com um excerto do poema de Miguel Torga, que me fortalece para continuar a minha caminhada.



PEDAÇOS DE MIM - Henrique Delgado

*Aparelhei o barco da ilusão
E reforcei a fé de marinheiro.
Era longe o meu sonho, e
traíçoeiro
O mar...
(Só nos é concedida
Esta vida
Que temos;
E é nela que é preciso
Procurar
O velho paraíso
Que perdemos).*

Incêndio de 17 de Fevereiro

No dia 17 de Fevereiro pelas 12 horas, deflagrou um incêndio na cave do prédio onde se situa a *Casa do Professor* de Aveiro. Felizmente, não se verificaram acidentes pessoais mas, devido ao espesso fumo produzido, houve que evacuar os cerca de 30 utentes, a maior parte com mobilidade reduzida ou nula. Ao fim da tarde, foi possível voltarem todos aos seus aposentos, sem mais percalços. Em todo este processo, que exigiu cuidados muito especiais a todos os níveis, foi inestimável a disponibilidade ime-

diata dos funcionários da Casa de Aveiro, das Diretoras Técnicas das Residências da ASSP e de funcionários dos Serviços Centrais que, nesse dia, participavam num Encontro de Delegações em Aveiro.

A Direcção da Delegação pretende publicamente realçar e louvar o espírito de sacrifício, solidariedade e entreatajuda espontânea manifestado pelos referidos colaboradores da ASSP. Um agradecimento muito especial também aos vizinhos, PSP e Bombeiros que prontamente auxiliaram.

ALVITO, Coração do Alentejo

A história de Alvito remonta à idade do cobre, do bronze e do ferro. E por ela passaram romanos, visigodos e árabes, tendo sido conquistada pelos portugueses em 1234.

O turismo é um dos vetores do desenvolvimento do nosso concelho, destacando-se a gastronomia, o património artístico e cultural, o cante alentejano, a paisagem, as pessoas, isto é, tudo aquilo que nos faz diferentes, que afirma a nossa individualidade, fazendo de Alvito um destino único e de eleição.

Dinamizamos as nossas feiras tradicionais, conservamos e valorizamos o nosso património artístico, apostamos numa melhoria ambiental; apoiamos o cante alentejano que é desde há muito património imaterial do nosso concelho.

Há sempre um bom motivo para voltar a Alvito. A arquitetura manuelina será, pois, um bom pretexto para visitar esta vila alentejana. O Castelo, construído entre 1494 e 1508, no tempo de D. Diogo Lobo da Silveira, constitui um dos melhores exemplares da arquitetura quinhentista portuguesa, com destaque para o desenho quadrangular que projeta o edifício numa simbiose de fortaleza/palácio, expressão eloquente da modernidade de inspiração renascentista.

As janelas, de mainel central e de arco em ferradura, característica também da arquitetura deste período, conferem-lhe o exotismo distintivo da influência da arquitetura mourisca, o que constitui outra nota do manuelino. Nos interiores refiram-se a arcaria, os portais e as abóbadas, particularmente das salas da torre de menagem, quer pela singularidade quer pela austeridade decorativa, não faltando referência explícitas ao manuelino na sua dimensão decorativa.

A imponente Igreja Matriz N. Sra. da Assunção é ainda um dos pontos obrigatórios de paragem, concilia vários estilos, do gótico ao barroco, passando pelo manuelino, pelo renascimento e pelo maneirismo. Grande parte do interior encontra-se coberto com azulejos do século XVII, com predomínio do amarelo sobre fundo branco. As pinturas a fresco são também um elemento decorativo que merece particular atenção.

Os pórticos e janelas com decoração manuelina – séc. XVI, dispersas pelas Vilas de Alvito e Vila Nova da Baronia embelezam os casarios, merecendo momentos de atenção pelo cunho característico da sua arquitetura.

Colaboração da Câmara Municipal de Alvito



Professor Doutor

Barata-Moura

no Congresso da ASSP, em Évora, «Nós Professores. Habitar o Futuro».

A intervenção do Professor Barata-Moura foi uma das mais importantes no Congresso da ASSP.

Julga-se ser chegado o tempo para a publicação de excertos que são considerados mais relevantes para o momento actual.

Somos oficiais do mesmo ofício, e oficiamos na mesma messe.

Voltados, por ventura, mais ao que pela frente se nos adianta, do que remetidos à contemplação do que atrás de nós vamos deixando.

Porque um dos encantos do nosso mester se prende com a renovação, ano após ano, dos interlocutores que *diante* nos vão aparecendo.

E porque, nosso artesanato, a retrospectiva eventual nunca se desprende por inteiro de um braço de promessas começadas, cujo resultado conclusivo não está ainda inteiramente disponível na sua manifestação.

Fazemos. Sabemos aquilo que fazemos. Mas os frutos do nosso fazer afeiçoados só irão

desabrochar em colheitas tardias. Mais à frente. Na lonjura. E entretidos de muitas aportações que nos escapam.

Não é um *defeito* que nos infunda remorsos. É o *feitio*, que, mordendo, confere fundo à nossa própria condição.

Trabalhamos no *imediato* das situações. Mas somos ingredientes, e agentes, de um processo de *mediação*. Em prolongamento na abertura do viver. Inconcluso. Damos serventia nas sementeiras. Nem sempre vemos o espigar dos grãos. E não somos nunca donos do produto.

O intento é desobstruir a clareira por rompe, e irrompe, *a falha* – a meu ver grave, porque tectónica – no entender da «coisa» que *em causa* está:

A *relação educativa*, ou aquela relacionalidade *vital* em que todos nos educamos.

Educar é *eduzir*, trazer para fora, e para a frente.

Não como afloração assistida de um «saber» abscondito que, afinal, já se possui nas dobras do intestino.

Não como atafulho de uma sala vazia com trastes e bugigangas em arremedo de mobília. Não como um somatório de atrelados ao comboio de vagões.

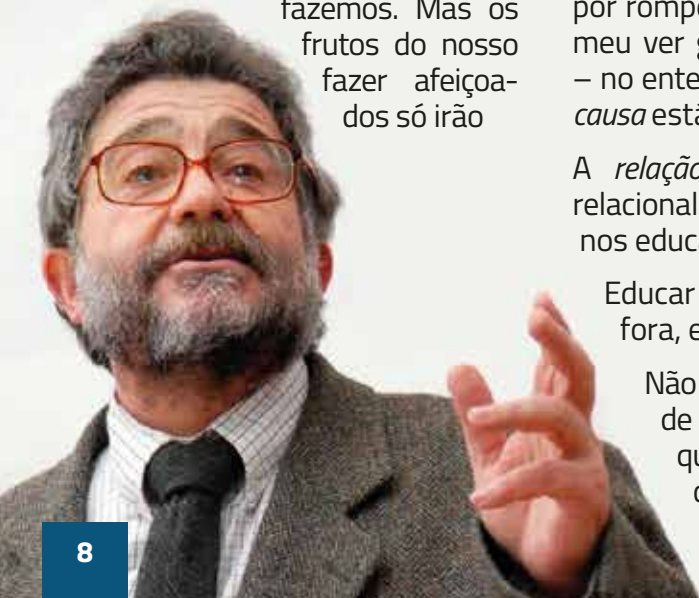
Mas, sim, como *libertação* – relativamente ao muito que nos enreda e dissuade – *para* a aventura de *compreender* e de *reconfigurar* tudo aquilo que, enriquecidamente, se nos oferece: *diante* (em espectáculo) e *adiante* (em feitura).

No *eduzir*, trabalha – e trabalha-se – uma materialização de possíveis. Que tendo gênese e não estando isentos de condições – trans-formam o existente.

É neste registo que a *con-vivência formativa* se planta e implanta. Preenchendo-se num regime pautado pela diversidade e pela *assimetria* das experiências convocadas.

Neste tabuleiro a *qualidade* do “formador” – enquanto acendalha e mediano de inter-locuções – tem o seu peso, e pesa. Objectiva e subjectivamente. Naquilo que dá a ver, no que traz ao pensar, pela exigência de *crítica* fundada que aporta e aponta ao *exame* das realidades que não se dispensa. E empreende.

O professor *informa*. Porque veícula notícias de, e proporciona contacto com, porções do real ainda não interrogadas pela atenção, ou desconhecidas no meandro. E, porque o real não se confina ao «dado» na sua imediatez



coagulada, o adentramento nas dinâmicas percebidas, e o exercício da imaginação (conferindo espessura e densidade ao imaginário), constituem incontornáveis regiões de *cultivo*.

Mas, assente numa plataforma móvel de relacionamentos, a verdadeira *formação* tem, na realidade, *outro sujeito*. Do qual não se pode prescindir. Sob pena de volatilizar o núcleo activo em que todas estas trans-acções se organizam.

Como - à falta de melhor - eu não me canso de repetir.

A educação é aquele processo relacional aberto (onde a instância do *diálogo* e a circunstância do *educador*, são marcantes) pelo qual, operando toda uma *descoberda conjunta* do mundo e da vida (e, para isso, é preciso estudo, e ir sabendo coisas), vamos dando *forma* à condução do nosso viver.

A escavadura sucessiva do nosso tema impõe que se equacione o relacionamento de *formação* e de *transformação*.

Consultada a imediatez circundante, o balanço das preferências parece inclinar-se habitualmente para o lado da «dicotomia». Está ainda muito arreigado, na opinião generalizada, aquele despacho de encarar qualquer «diferença» como uma manifestação do «antinómico».

Todavia - tal como acontece em alguns outros emparelhamentos famosos (por exemplo, no caso de «crítica» e «crise») - , subsiste entre *formação* e *transformação* um parentesco intrínseco. E não apenas pelas peripécias da linguagem. Afirmá-lo, aliás, nem na aparência corresponde a uma perspectiva ousada. Ainda que, de ordinário, só parcimónia seja usada.



Em toda a «formação», há «labor» incorporado, porque é pelo «lavar» de um «corpo» que as formas (formadas) ganham viso.

No seu cerne - que não descabido discernir - a formação constitui ela própria um processo de transformação.

Formar é transformar. E naquele horizonte educativo que com a existência - em coextensão nos concrece: formar-se é transformar-se.

Por outro lado, inclusive em enquadramentos educacionais, a dialogia nunca está circunscrita à simples «bilateralidade». Educamos, e transformamos, de *dentro* do real. **Num chão, num sítio, e numa aventura que com outros partilhamos.** Mesmo quando é o «isolamento» que se busca. Naquelas ocasiões infaustas em que uma conflitualidade - sentida, pressentida, ou ressentida - com maior dramatismo eclode. Porque todo o viver - ainda que no singular existencializado - constitui sempre uma trama comunitária de relacionamentos.

Como se o espaço educativo não fosse o tempo de um viver!

Como se os tempos de uma vida não fossem o espaço da educação!

Adia-se ao futuro a expectativa de viver. Des-cuidando a tomada a cargo *durante* daquele *viver em feitura* que - na, e pela mediação das transformações - nos transporta ao provir.

Os efeitos almejados não brotam em cachoeira - por contágio directo, ou mágica prestidigitação - da consciência sabiamente esclarecida, do desejo nos ardores atizado, da vontade ferreamente obcecada, ou de um fraseado com acutilância esgrimido.

Faz falta aquela prática socialmente organizada que materialmente transforma. Que «dá trabalho» (cujos frutos não ferem logo a vista). Que tem condições materiais de assentamento (que é preciso, na paciência, ir construindo). Que não vem «depois» mas de dentro de complicados processos de *formação e transformação*.

O materialismo do século XVIII, com Helvéticus na dianteira, reconheceu que a educação nos faz aquilo que somos. E Robert Owen, seguindo o trilho, assentava as suas propostas socializantes num andaime igual: "o homem tem que ser a criatura das circunstâncias pelas quais a sociedade o rodeia".

Mas houve quem penetrasse a verdadeira natureza do problema, e advertisse o sedimento da realidade em que se impõe intervenção:

«Se o ser humano é formado pelas circunstâncias, então tem que se formar humanamente as circunstâncias»

"Santo Antero"

A história da geração de 70 é fundamentalmente a história de uma nova consciência cultural europeia que decisivamente liga o SEC.XIX ao SEC. XX. Nunca um grupo de escritores, pensadores, romancistas, poetas e historiadores se reuniram na história Cultural Portuguesa, com uma consciência profunda da sua época, que exigia uma mudança ampla e sem preconceitos face ao passado, como a geração de 70.

O berço desta geração foi Coimbra onde se reuniram entre outros nomes como Antero de Quental, Eça de Queiroz, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins. Foi na pacata Coimbra da época que se desenrola, em 1865, a famosa polémica conhecida por "Questão Coimbrã". O grande vulto da questão será Antero de Quental, a quem se devem os textos mais importantes da polémica.

Dirigiam-se os textos a António Feliciano de Castilho, considerado nos meios académicos conservadores e representante do ultra-romantismo defensor de um patriotismo e lirismo provincianos que se opõe à nova geração, defensora de uma poesia nova e moderna. Os ideais dessa nova geração estão presentes nos textos de Antero, nomeadamente, na carta "Bom Senso e Bom Gosto" dirigida a Castilho e no texto "Dignidade das Letras e das Leituras Oficiais".

Nascido nos Açores no seio de uma família rica, Antero vem estudar para Coimbra para frequentar Direito. O papel fulcral que desempenha na Coimbra Cultural da época fazem dele uma espécie de mito. Deve-se a Eça de Queiroz a criação do mito de "Santo Antero" que o grande escritor e amigo íntimo de Antero, descreve do modo seguinte;

«Em Coimbra, uma noite, noite macia de Abril ou Maio, atravessando lentamente com as minhas sebatas na algibeira o Largo da Feira, avistei sobre as escadarias da Sé Nova, romanticamente batidas da lua, que nesses tempos ainda era romântica, um homem, de pé, que improvisava.

A sua face, a grenha densa e loura com lampejos fulvos, a barba de um ruivo mais escuro, frisada e aguda, à maneira sírica, reluziam, aureoladas. (...) Parei, seduzido, com a impressão de que não era

aquele um repentista picaresco ou amavioso, como os vates do antiquíssimo século XVIII

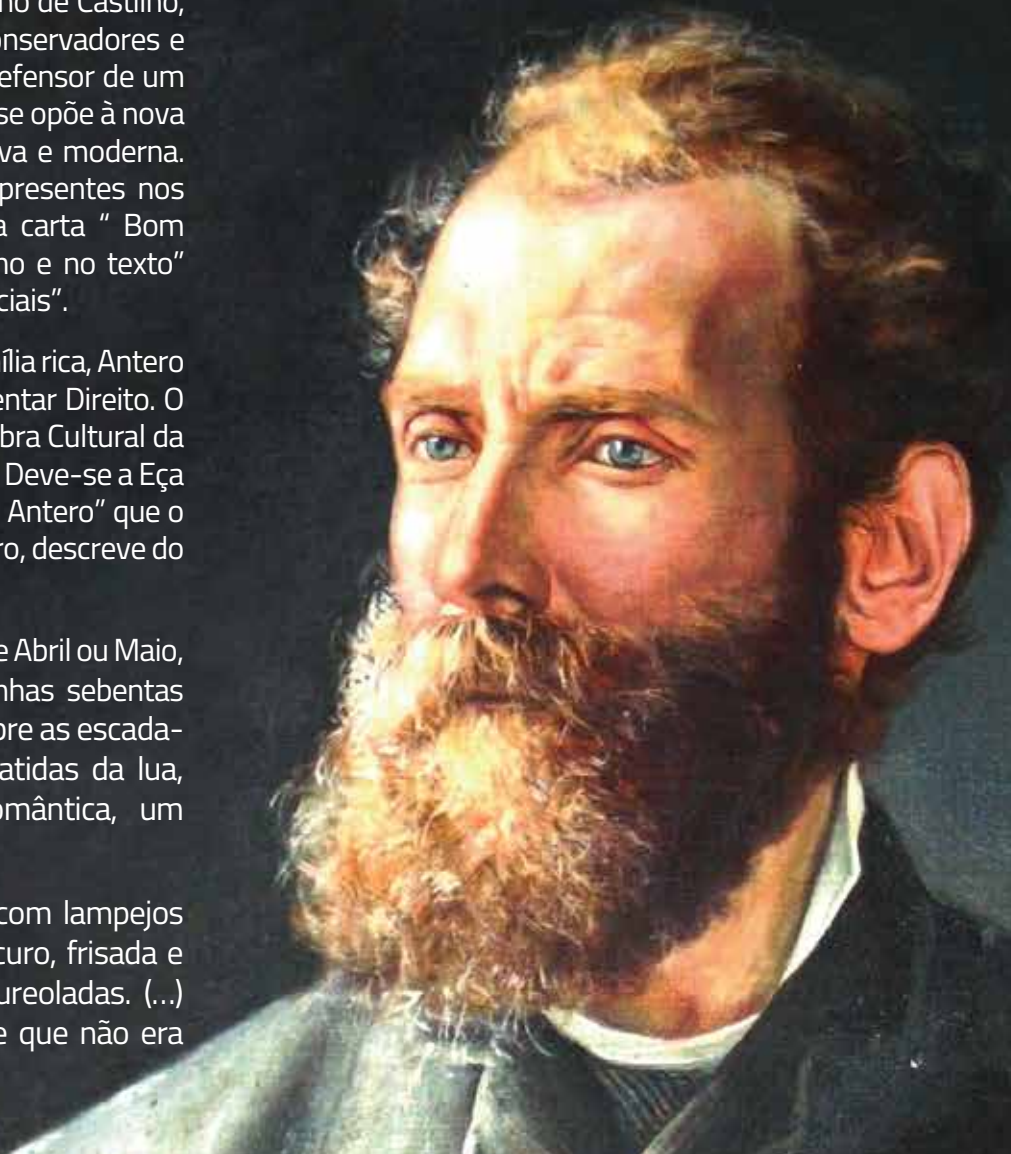
- mas um Bardo, um Bardo dos tempo novos, despertando almas, anunciando verdades. (...)

Deslumbrado, toquei o cotovelo de um camarada, que murmurou, por entre os lábios abertos de gosto e pasmo:

-É o Antero!...

(...) Intimidade, com aquele que eu depois chamava 'Santo Antero'(...)

*In Eça de Queiroz,
Notas Contemporâneas (publicado originalmente em 1896)*



Todo o silêncio é música em estado de gravidez...

(Mia Couto)

O Ciclo de Piano da temporada de Música da Gulbenkian é um alimento ímpar para a nossa tranquilidade. Enquanto for possível usufruir dele não abdicaremos.

A música desencadeia (-nos) muitas e variadas sensações. O seu relacionamento com os contextos onde é produzida-reproduzida-recepcionada determina o grau de fruição que obtemos em cada momento específico.

Vários “génios” visitaram-nos, em 2017-2018, e é impossível citá-los todos. Arriscamo-nos a referir apenas duas pianistas, dos muitos que actuaram na Fundação, “esquecendo” os outros.

Começamos por Beatrice Rana de 25 anos que é um fenómeno, dos palcos mais prestigiados do mundo. A revista *Gramophone*, em 2014, considerou que a pianista “... possui escondido por debaixo dos seus vinte anos, algo que é mais do que um toque de génio”.

Nascida, em 1993, em Itália, numa família de músicos, Beatrice Rana fez a sua estreia em orquestra aos nove. Actualmente, a jovem pianista agita a cena da música clássica internacional. Provoca aplauso, encantamento e admiração a nível mundial.

O seu concerto - estreia na Gulbenkian - levou ao rubro o grande auditório que se rendeu ao virtuosismo da intérprete que retém do piano a limpidez dos génios carregando-a de ternura.

Fevereiro foi o tempo de Khatia Buniatishvili mais um fenómeno

que “levantou” a circumspecta plateia da Gulbenkian. **A pianista virtuose** surpreende os olhos, para além dos ouvidos.

A artista é feita da voragem demonstrada, desde criança, quando se atirava com sofreguidão, diariamente, a cada nova partitura.

É com essa mesma avidez e impetuosidade que ataca as teclas do piano, num estilo rasgadamente dramático, classificado pelo *O Globo* como “virtuosismo voluptuoso”.

Khatia colecciona prémios de reconhecimento pelo seu talento ao lado de críticas – algumas cruéis – quer pela sua aparência e postura quer pela maneira como toca.

Apresenta-se com indumentárias em rota de colisão com os cânones.

Quando toca, fecha os olhos e tomba a cabeça, deixando seu cabelo castanho escuro cair sobre o rosto, totalmente entregue à música.

A sua sensualidade gera mal-estar no “seu” mundo. De facto ela é um vulcão sensual ao piano: com interpretações dramáticas, de uma qualidade ímpar, e com os seus decotes profundos, Khatia Buniatishvili põe em causa os estereótipos vigentes e faz desesperar o machismo do meio. A própria afirma que se “mudasse por causa das críticas, os machistas sairiam vencedores”.

A pianista, nascida na Geórgia, revela, sem pudor, as suas sensações ao subir ao palco: **medo e prazer**. Declara que não tem garantia de que tudo sairá bem, mas que sente uma enorme liberdade para criar.

Este sentimento de liberdade é-nos transmitido ao longo dos seus concertos únicos.

Como ainda ninguém conseguiu impor regras para usufruirmos o prazer da música, esta constitui, para nós, desde crianças, um espaço único de liberdade.

No tempo em que vivemos, todo o silêncio é luxo.

Todavia, o que há de mais belo e luxuoso do que ouvir um piano - nas mãos dos génios - rasgar o silêncio que nos envolve?

MS

CONCERTO IV

Doem os trilhos da memória
ouvindo os sons com que me visto
e dispo, só para ti, em florida geografia.

Acolho a violência do desejo que flutua
como a melodia - planando - afaga
o teu corpo navegável pelos flancos.

(...)
Tudo é festim, é sol, é ré
tudo é barco, é vela
tudo é vaga que rebenta no basalto.
Tudo espuma de prazer!

Um peixe ondula na água dos teus olhos
em silêncio, num puro sabor a ti.

As mãos percorrem, ágeis, o teclado
beijam o marfim como o vento traz
as folhas do poema,
as palavras e a ternura que só digo,
chorando
no rumor da paisagem árida de um vulcão.

(inédito)
MS

Guimarães

Cidade de Memórias

A cidade de Guimarães possui, indescritivelmente, um passado histórico de realce e envolto em glória e prestígio. Sendo por muitos acolhida por “Cidade Berço”, esta cidade está, intrinsecamente, associada à fundação da nossa identidade nacional e à língua portuguesa, no século XII.

Em 1128, acontecimentos militares e políticos viriam a desencadear a independência do Condado Portucalense, o que por sua vez deu origem ao nascimento da nação de Portugal. A inscrição “Aqui nasceu Portugal” (Fig. 1), numa das torres da muralha da cidade é assim um dos vestígios desta sucessão de acontecimentos históricos.



Figura 1 - Inscrição “Aqui Nasceu Portugal”

Reza a história de que terá sido em Guimarães que nasceu aquele que viria a ser o primeiro Rei de Portugal, D. Afonso Henriques, em 1179.

Já no ano de 1853, a Rainha D. Maria II eleva Guimarães à categoria de cidade.

Guimarães é uma cidade e concelho do distrito de Braga e um dos mais importantes centros urbanos do Minho. Este concelho compreende uma área total de 240 quilómetros quadrados, aglomera 69 freguesias e 160 mil habitantes – os vimaranenses.

A diversidade e riqueza monumental desta cidade é reconhecida e, além do Castelo de Guimarães e a sua torre de menagem (Fig. 4), podemos visitar e apreciar a Capela Românica de S. Miguel do Castelo, o Paço dos Duques, a Igreja de São Francisco, a Igreja da Colegiada de Guimarães, o Convento de Santa Clara, Museus, entre outros.

O Centro Histórico da Cidade de Guimarães (Fig. 2) é de visita obrigatória, tendo sido reconhecido pela UNESCO como Património Mundial, em dezembro de 2001.



Figura 2 - Centro Histórico

O espólio de interesse não se restringe aos monumentos da cidade pois, além destes, tem ainda instituições de amplos âmbitos culturais, científicos, musicais, sociais e de registo/memória da cidade.

O património arquitetónico, religioso e social complementa-se com o património natural. O Monte da Penha, ou Monte de Santa Catarina, por exemplo, para além do Santuário em honra de Nossa Senhora do Carmo da Penha, detém um parque natural muito bonito. As inúmeras grutas, magníficas paisagens e vista para a cidade tornam esta montanha um ponto de interesse e de aventura para os visitantes.

Outra atração são as festas e as romarias das vilas e as festas representativas da Cidade, como é o caso das famosas Festas Gualterianas (Fig. 3) e as Festas Nicolinas.



Figura 3 - Festas Gualterianas



Figura 4 - Castelo de Guimarães

**Venham
visitar-nos!**

Lembrar o Holocausto a alunos dos 7 aos 17

NO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DOMINGOS SEQUEIRA - LEIRIA

Há alguns anos que, no final de janeiro, se organizam, na Escola Secundária Domingos Sequeira (ESDS) em Leiria, atividades no âmbito do Holocausto. Através de exposições, filmes, livros e relatos, os alunos participam na efeméride de 27 de janeiro, consagrada como o Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto. Este ano, esta evocação teve uma outra dimensão. A dimensão do Agrupamento Escolar. As Bibliotecas Escolares foram o centro desta comemoração nos estabelecimentos do Agrupamento e os Professores-Bibliotecários (PB) os seus animadores principais, otimizando os seus recursos documentais a nível de livros, filmes e cartazes.

O visionamento de filmes sobre a IIGGM teve este ano uma abordagem diferente, não só pelo número de alunos que envolveu, como pelo tipo de sessão. À volta da temática dos Guetos judaicos, foram compiladas imagens reais destes bairros e também excertos de filmes que ficcionaram histórias centradas principalmente nos guetos de Varsóvia e de Cracóvia, na Polónia.

Estas sessões de cinema comentado foram exibidas na ESDS e também na Escola Básica José Saraiva (EBSJ), para alunos do 9.º ano. Também a nível de carta-

Trabalhos premiados de designers sobre o tema.

Alunos do 4.º, 5.º e 6.º anos do Agrupamento participaram igualmente no projeto através de

sessões sob o título "Holocausto contado às crianças", dinamizadas pelas PB, tendo sido acompanhadas com muito interesse por estes alunos mais jovens. Os livros não podiam faltar neste conjunto de atividades evocativas e a obra escolhida pela Comunidade de Leitores da ESDS foi o mais recente Prémio Leya 2017 – "Os loucos da Rua Mazur" de João Pinto Coelho – o antisemitismo na Polónia passava afinal também pelos próprios vizinhos. Foi igualmente através da leitura de testemunhos e poemas de sobreviventes que alunos do 10.º ano assinalaram o 27 de janeiro: batiam às portas das aulas e pediam para

ler as palavras das vítimas. Porque temos de continuar a ouvi-las. Neste ano de 2018 e em todos os anos.

BIBLIOTECAS AGENTES
ESDS Biblioteca Escolar JANEIRO 2018

BIBLOGALERIA -
Exposição sobre o
HOLOCAUSTO entre
22 e 31 de janeiro

COMUNIDADE DE LEITORES
Sessão no dia 24, 4ª feira,
pelas 14:30 na Biblioteca.
Na mesa, para debate, um
autor português que
escreve sobre o
HOLOCAUSTO: João Pinto
Coelho - Prémio Leya 2017
com o romance "Os loucos
da Rua Mazur".

O DIA INTERNACIONAL EM MEMÓRIA DAS VÍTIMAS DO HOLOCAUSTO - 27 DE JANEIRO - vai ser assinalado na ESDS durante a semana de 22 a 26 com várias sessões: de leitura nas aulas pelos alunos, de cinema, da Comunidade de Leitores e uma exposição na biblioteca.

SESSÃO DE CINEMA sobre Guetos Judaicos - a realidade no cinema

zes, houve itinerância de exposições por algumas escolas do Agrupamento, abordando aspetos e visões particulares do Holocausto: Justos entre as Nações, Marcos históricos da ascensão e queda do nazismo na Alemanha e

Natália Caseiro
Prof. Bibliotecária da ESDS



ANIVERSÁRIO

25 e 26 Maio de 2018

A comemoração do 37.º Aniversário da ASSP teve lugar na bonita cidade de Setúbal, foi organizado pela Direcção da Delegação de Setúbal, com o apoio da Direcção Nacional e ocorreu nos dias 25 e 26 de Maio.



O primeiro dia começou por uma recepção na Residência com um pequeno almoço substancial e variado e que foi particularmente enriquecida com uma apresentação muito bem elaborada, que resume a evolução histórica da Associação desde a sua fundação até aos dias de hoje.

Os Participantes gostaram tanto que solicitaram à Delegação de Setúbal que procedesse ao envio do ficheiro para todas as Delegações.



Durante a tarde, teve lugar um Painele de Comunicações, no Auditório Charlot, com a participação de dois destacados elementos, o Sr. Professor Dr. José Pedro Fernandes, Director da ESE do IPBeja e Presidente das ESE a nível nacional e que falou sobre o "O toque feminino nas artes plásticas – breve abordagem do contributo de mulheres artistas" e a Sra. Professora Dra. Ana Maria Pessoa, que falou sobre "Docentes e Associativismo – Desafios de uma Profissão".

Qualquer um dos temas revelou-se muito interessante, tendo merecido rasgados elogios da assistência, quer pela qualidade, quer pela originalidade e sobretudo pelo brilho com que foi apresentado.

Foi na realidade uma tarde muito bem passada em torno da cultura que irá ser recordada com muito agrado por parte da numerosa e interessada assistência.



No final do dia, teve lugar o jantar de aniversário da ASSP que ocorreu na Sala 360º do Hotel do Sado em Setúbal. Com uma ementa variada e com uma excelente qualidade de serviço foi abrihantado pela Tuna Barbosa do Bocage que teve um desempenho notável e que tornou um jantar que já era muito bom, numa celebração verdadeiramente excepcional.



O dia seguinte começou cedo e foi muito bem passado, tendo-se iniciado com uma visita à famosa Casa Ermelinda Freitas, com prova de vinhos e seguida de um excelente almoço nas instalações. Finalmente, registe-se que a recepção junto da Casa Ermelinda Freitas foi verdadeiramente excepcional, tendo finalizado com uma oferta de uma garrafa de vinho a cada participante.



Seguidamente, teve lugar um passeio pela Serra da Arrábida que culminou com um brinde à ASSP, perante aquela paisagem deslumbrante e posteriormente, terminou onde tinha começado em Setúbal.

Deixou saudades esta extraordinária comemoração nesta bonita cidade, em que participaram ao todo 150 participantes.

Parabéns à Delegação de Setúbal!!!



PORTO

No Porto, as Conversas ASSP tiveram lugar a 17 de abril último na ESE / PP e a reflexão centrou-se no tema da solidariedade social no século XXI, mais especificamente no caso dos professores. Os quatro animadores, especialistas nestas matérias, deram cada um a sua perspetiva, percorrendo a demografia, e a análise social, as respostas institucionais, a psicologia social e a pedagogia.

O nível das intervenções proporcionou um ótimo momento de reflexão e aprendizagem.

Esta avaliação sumária baseia-se, não só na atitude dos participantes e seu envolvimento na discussão, como em testemunhos verbais e escritos que chegaram espontaneamente à nossa delegação, felicitando-nos pela iniciativa, salientando a escolha do tema, a elevação do nível de discussão, a categoria dos palestrantes, o envolvimento dos professores em formação e as atividades complementares: o momento musical proporcionado por alunos da variante de Educação Musical da ESE /PP e «pelo elegante lanche» oferecido no final da sessão, a que se juntaram vários alunos que não tinham podido assistir ao debate.

Quais foram os resultados concretos que pudemos obter, para além do enriquecimento pessoal que a participação neste debate proporcionou?



1. Várias centenas de professores e candidatos a professores ficaram a saber que existimos.

2. Mais de meia centena de professores, aposentados, em serviço, de todos os graus de ensino, nomeadamente do ensino superior, dispuseram-se a deslocarem-se à ESE para connosco «conversarem» sobre o tema.

3. Alunos dos Cursos de Professores assistiram à sessão e uma vintena tocaram flauta para nós.

4. Várias dezenas levaram a nossa ficha de inscrição e prometeram pensar na possibilidade de se tornarem associados.

5. Perto de uma dezena já se inscreveram como associados.

6. Uma participante, professora jovem, em serviço, foi convidada para embaixadora ASSP na sua escola.

Pode parecer pouco, mas esta iniciativa aprofundou os laços com os associados, elevou o nível da nossa intervenção, divulgou a nossa marca, melhorou a nossa imagem social e sobretudo provou que estamos vivos e dispostos a servir com qualidade os nossos pares.

BEJA

No dia 30 de Abril tiveram lugar as segundas Conversas ASSP no Instituto Politécnico de Beja. Recorde-se que foi acordado com esta Instituição a realização de um ciclo de quatro Conversas, tendo-se realizado até ao momento duas.

A Senhora Presidente da DN da ASSP abriu os trabalhos, começando por agradecer a presença de todos e recordou, brevemente, a missão da Associação e o carácter intrínseco de solidariedade da ASSP, que permitiu convidar a Helpe para estar presente nestas Conversas, atendendo ao trabalho meritório que tem levado a cabo. O Senhor Director da ESE agradeceu também a escolha do IPB para a realização de mais um encontro e realçou a importância do tema das Conversas e a proximidade existente com a ASSP.

O título "O português é para comer" não deixou ninguém indiferente.

O Dr. Perez Metelo apresentou o conjunto de iniciativas levadas a cabo pela Helpe no domínio da educação em alguns países africanos de expressão portuguesa com especial incidência no Norte de Moçambique e também a intenção de avançar para a ajuda a cuidados de saúde primários em parceria com outra Associação congénere.

Entre a assistência, destacou-se um grupo de participantes, oriundos dos PALOP, finalistas dos cursos ministra-

dos no Instituto Politécnico de Beja e que se mostrou a todo o momento muito interessado e participativo, denotando no final um especial interesse sobre a ASSP, colocando várias questões desde a participação em programas de voluntariado, ao interesse em se fazerem associados, mas sobretudo muito agradados com o elevado espírito de solidariedade que tinha acabado de ser demonstrado por esta Associação.



Para inscrições
ou informações
contacte
218 223 080 ou
filipafaria@assp.pt

CIRCUITO - MARROCOS 19 a 24 Outubro 2018

PREÇO POR PESSOA EM QUARTO DUPLO

PARA ASSOCIADO ASSP	NÃO ASSOCIADO
940€	960€

Mínimo 35 participantes

SUPLEMENTOS - Quarto individual - 115,00€

O preço inclui:

- Passagem aérea Lisboa / Fez // Marraquexe / Lisboa com taxas de aeroporto
- Autocarro de turismo durante todo o circuito com taxas e todas as despesas de motorista incluídas
- 5 noites de alojamento
- Pensão completa
- Guia em português ou espanhol durante todo o circuito
- Acompanhante da agência durante todo o circuito
- Seguro Multiviagens VIP com cobertura de Cancelamento Antecipado e Interrupção de Viagem por Motivos de Força Maior
- Gratificações

O Preço não inclui:

- Serviços não mencionados no programa;
- Bebidas;
- Entradas em monumentos não indicados como entrada incluída.

Documentos Necessários:

Passaporte individual válido

Dia 1 • 19 de Outubro - Lisboa / Fez

Em hora a determinar comparência no aeroporto de Lisboa. Partida às 14h00 em voo TAP com destino a Fez. Chegada às 15h55, assistência nas formalidades de desembarque e panorâmica à cidade fundada em 808 como primeira capital política, religiosa, cultural e artística do país. Jantar e alojamento no hotel.

Dia 2 • 20 de Outubro - Fez / Ifrane / Midelt / Arfoud

Pequeno almoço no hotel. Saída para Ifrane, cidade localizada a 1.700 metros de altitude, e rodeada por uma densa floresta de cedros, um verdadeiro contraste conhecido por "Suíça marroquina". Continuação da viagem para Midelt, com vistas magníficas para as montanhas do Médio Atlas, onde se assiste a uma impressionante mudança paisagística e o vale do Ziz, com os seus kasbahs e palmeirais. Continuação para Erfoud. Jantar e alojamento no hotel.

Dia 3 • 21 de Outubro - Arfoud / Todra / Ouazazate

Pequeno-almoço no hotel. Saída para o Oásis de Tenerhir. Tempo livre no Oásis. Continuação para as vizinhas Gargantas do Todra. Visita a esta espetacular formação geológica escavada pelo Rio Todra, formando um profundo desfiladeiro ladeado por escarpas íngremes de ímpar beleza.

Viagem pelo Vale dos Mil Kasbahs passando por El Kelaâ M' Gouna, capital da região marroquina das rosas, em direção a Ouazazate. Jantar e alojamento no hotel.

Dia 4 • 22 de Outubro - Ouazazate / Ait-Benhaddou / Marraquexe

Pequeno-almoço no hotel. Visita panorâmica pela cidade com destaque para a Kasbah do Pacha de Glaoui. Saída para Ait-Benhaddou, cidade Património da Humanidade pela UNESCO. Visita com destaque para o seu Kasbah, um dos maiores e melhor conservados de Marrocos. Saída em direção à cordilheira do Alto Atlas com passagem pelo impressionante Alto do Tichtka, a 2.260 metros, com paisagens de rara beleza. Descida das montanhas em direção a Marraquexe.

Chegada e panorâmica de apresentação da capital turística de Marrocos, cidade imperial e conhecida como a cidade ocre, com passagem pelas Muralhas da Cidade, do séc. XII, o Minarete da Mesquita da Koutubia e a famosa Praça de Jemaa el Fna. Jantar e alojamento no hotel.

Dia 5 • 23 de Outubro - Marraquexe

Pequeno-almoço no hotel. Visita guiada à cidade de Marraquexe, com destaque para o Palácio Bahia e aos túmulos da Dinastia Sadiana, a Medina e a Farmácia Berbere. De tarde, visita aos Jardins Majorelle, considerados como um dos pontos mais relaxantes dentro do coração da cidade, mandado construir pelo pintor francês Jacques Majorelle. Jantar e alojamento no hotel.

Dia 6 • 24 de Outubro - Marraquexe / Lisboa

Pequeno-almoço no hotel. Em hora a combinar saída para o aeroporto. Partida às 16h30 em voo TAP com destino a Lisboa. Chegada às 18h10.

**Marque já
a sua Viagem
Inscrições
até 20 de Julho**

A Residência de Carcavelos

Casa de Professores com Futuro

Quando da sua abertura a Casa estava equipada com os recursos adequados às necessidades do bem-estar e conforto dos seus Residentes. Com o passar dos anos estas necessidades, provenientes do natural envelhecimento, foram solicitando novas respostas.

A organização do planeamento e registo de todas as atividades levou, em 2015, ao lançamento do programa informático MySenior elaborado em parceria com uma empresa especializada. Passámos a monitorizar em tempo útil e à distância as Ocorrências e os Alertas garantindo o seu registo e atempada intervenção.

Em 2017 melhorámos a eficiência energética e o sistema de vigilância e segurança da Casa e do espaço Envolvente.

O novo sistema de controlo por

vídeo porteiro está ligado à Receção e ao smartphone dos colaboradores; há um novo sistema de alarme contra intrusão e está a ser instalado um novo sistema de deteção automática de incêndio e de gás corrigindo deficiências de construção.

Em 2018 instalou-se um Plano de Segurança, que inclui as ações de Manutenção das Instalações Técnicas e Equipamentos e Sistema de Segurança, permanentemente monitorizado. Foi criado um Sistema de Controlo de Acessos cujo software nos proporciona informação quer sobre a assiduidade quer sobre outros elementos indispensáveis à boa gestão dos Recursos Humanos.

No programa MySenior pensamos introduzir informação para a Copa / Refeitório sobre a alimentação e para a Rece-

ção sobre o controlo de toda a informação disponível para Residentes e Familiares.

Vamos analisar os processos que usamos na vida diária da Residência e qual o custo benefício da possível digitalização desses processos.

A transformação digital permite-nos segurança, fiabilidade e qualidade na informação à gestão da Casa. Essa segurança será para os colaboradores a garantia de menos erros, melhores desempenhos e mais motivação. A Direção passará, através de todos os relatórios da execução dos diferentes processos, a dispor dos meios para uma melhor gestão e qualidade dos serviços prestados.

Esta será a nossa finalidade e missão, cumprida enquanto voluntários da ASSP a quem os Associados confiaram a tarefa de gerir esta Residência.

MUNDO VISUAL

Quando observamos e refletimos sobre o atual comportamento humano, ao nível do conhecimento e das interações sociais, damos conta que os meios de informação e comunicação estão no centro e desempenham um papel fulcral nas redes de partilha de informação entre os seres humanos. São igualmente um veículo poderoso na transformação da opinião pública, produtores de imagens do mundo, deixando-nos muitas vezes no limiar da dúvida entre o que é real ou ficção. Imagens que nos seduzem, que nos vendem ideias de como vestir, do que comer e até do que pensar. Esta ideia pode ser perigosa, se pensarmos que a manipulação de massas se pode fazer no interior das nossas casas, sem sairmos do conforto do nosso sofá. É por isso que, cada vez mais de fala numa cultura eminentemente visual, onde é preciso ensinar as crianças, desde cedo a ler o mundo visual e a serem cidadãos mais críticos, tolerantes e interventivos.



Foto-montagem de pinturas de Helena Berenguer (técnica mista sobre tela)

É esse o foco que **Helena Berenguer** tem tido enquanto docente de Artes Visuais (há mais de 20 anos), natural de Machico, Madeira. Tem um percurso diversificado, que conta com a lecionação da área em várias escolas da ilha da Madeira e com o destacamento em projetos no âmbito das Artes Plásticas. Tem um percurso artístico com trabalho reconhecido, na área da pintura, ilustração e artesanato em papel maché. Faz da sua arte uma forma de ler o mundo.

*Pode ver mais em:
Helena Berenguer – ARTE no facebook*



Senhoras-de-si
Bonecas
em papel maché



Pintura – técnica mista sobre tela
(Helena Berenguer)



Papel maché
(Helena Berenguer)

Grupo Coral da Delegação de Portalegre

Grupo de solidariedade e de cultura



Desde o primeiro trimestre de 2003 que existe o Grupo Coral da Delegação de Portalegre da ASSP. Já lá vão 15 anos que um grupo de 15 a 20 pessoas se reúne semanalmente na sede da Delegação para preparar, sob a benevolente e benévola acção de diferentes maestros, o último dos quais, há cerca de 8 anos para cá, é o associado Prof. Jorge Gargaté.

Mas, afinal, o que tem feito este grupo de pessoas? Por um lado, aproveitarem o seu tempo livre para fruírem do prazer de cantar, de estarem umas com as outras numa actividade que, sendo cultural, é, igualmente, lúdica. Depois, não cantamos para nós mesmos. Há um outro objectivo que é o de levar o nosso canto a outros. E estes têm sido públicos muito variados. O Grupo Coral já actuou em residências para pessoas idosas, com algumas das quais a Delegação celebrou protocolos, em bibliotecas municipais, em associações recreativas, em escolas e em igrejas. Inclusive, acompanhou uma missa transmiti-

da pela RTP, na Igreja do Colégio de S. João de Brito em Lisboa. A última actuação teve lugar já este ano, integrando uma sessão de homenagem à memória de um professor em efectividade de funções e que era, simultaneamente, membro da Direcção da Delegação de Portalegre, o Prof. Mariano Costa Pinto.

O reportório é constituído, essencialmente, por peças quer do cancionário tradicional português onde os arranjos de Fernando Lopes Graça pontificam, quer de índole erudita, quer, ainda, de canções de Natal.

A presença do Grupo Coral da Delegação de Portalegre, nos vários locais por onde passa, vai deixando um rasto de solidariedade e de alegria, principalmente na época de Natal, naqueles que em Santas Casas de Misericórdia e em Lares de Idosos residem, mas também uma chama de cultura pelos outros locais onde a sua presença se tem feito sentir.

Afinal, não são a solidariedade e a cultura as grandes linhas de força que devem guiar a Associação de Solidariedade Social dos Professores?

Mário Freire
Associado da ASSP



FLORA,

um nome que vai bem com a persona literária



Flora Azevedo
Associada nº 1704

FLORA é nome que vai bem com uma personalidade literária cujos textos poéticos seguem o lema da contenção equilibrada, da harmonia e da pluralidade. Eles conseguem desabrochar em nós sentimentos vários, devido aos múltiplos registos em que a FLORA se exprime e são sempre incitamentos à ação e ao agir.

Nesta medida, poderemos dizer que os seus textos tocam profundamente o leitor, desde logo pela identificação que lhe possibilitam com esse universo de chamamento e pela possibilidade de que lhe dão de se confrontar com outros pensamentos e outros modos de ser.

Não é por acaso que a escrita para crianças ocupa um lugar importante no conjunto das publicações da Flora. Estes são os seres que interessa primor-

dialmente tocar, a quem é preciso abrir horizontes e ajudar a desabrochar para o mundo. Mas a sua escrita, tal como a FLOR(A), tem muitas pétalas-*-petalosa(?)*, poderemos inventar, tal como o fez o pequeno Matheo italiano-para afirmar a sua flexibilidade criativa. Este caráter inventivo está também presente no modo como exerceu a sua atividade docente nas diferentes disciplinas que lecionou e no modo como se preocupou em abrir horizontes de reflexão justamente sobre o ensino da escrita. Duas faces da mesma moeda, dois modos de atuar sempre com a perspetiva de se abrir ao outro e de o ajudar a SER. A luminosidade dos títulos das suas obras, a carga emotiva e a força que transmitem os seus textos têm vindo a ser compensados e, ultimamente, com um prémio nos II Jogos Florais da UDIPSS-Lisboa-2017, concorrendo pela ASSP. Não é possível ficar indiferente ao jogo de palavras e ao sentido que tais palavras carregam. É PRECISO, pois, aplaudir e incentivar a FLORA a continuar este diálogo com os leitores, modo privilegiado de nos ajudar a sentir a beleza *fulgurante do mundo*.

Prof. Doutora Luísa Álvares Pereira
Docente na Universidade de Aveiro

Poema premiado nos II Jogos Florais da UDIPSS-Lisboa-2017

É preciso atravessar o deserto
Que parece crescer à nossa volta
É preciso tornar o longe perto
Ir à luta, dominando a revolta
É preciso carregar sobre os ombros
O silêncio da solidão, a dor
E reconstruir sobre os escombros
Se queremos a vida de outra cor
É preciso arrancar do coração
Raízes de raiva ou de rancor
Para dar lugar a algo maior
Que brilhe quando reina a escuridão
É preciso seguir os mesmos passos
Dos que lutaram por sobreviver
É preciso multiplicar os laços
Que a outros nos hão-de prender
É preciso guardar a alegria
Qual arca de sementes reservadas
Das horas felizes para um dia
De verdes esperanças naufragadas
É preciso ser fiel à doçura
Porque aquele que assim permanece
Apesar de toda a amargura
Invencível se torna e resplandece

Flora Azevedo



Professores franceses sob tensão



Na medida em que se julga de interesse para os Professores Portugueses, damos notícia de alguns dos assuntos abordados num colóquio promovido pelo Instituto de Pesquisa sobre a Educação/Universidade de BOURGOGNE-FRANCHE-COMTÉ que foi subordinado ao tema «Nova gestão pública e condições de trabalho das escolas, que ligações?»

Do texto do artigo, tudo parece indicar que a nova gestão da educação em França, de raiz neoliberal, tende a que os professores se obriguem a uma maior implicação pessoal, a prestar contas da sua acção e sejam sobretudo eficazes. No balanço do resultado deste tipo de gestão ressaltam os termos de stress, de sofrimento no trabalho, numa palavra *burnout*.

Esta perspectiva de gestão afecta os trabalhadores da saúde, no meio hospitalar, e tem efeitos no meio escolar onde, são mais relevantes a autonomia, a avaliação e a contratualização.

Sabe-se pouco dos efeitos destas reformas, nos alunos.

O objectivo do colóquio centrou-se nas condições de trabalho dos professores nas escolas de França, Reino Unido e Quebec.

Dos diferentes trabalhos apresentados ressalta a individualização do ensino e as consequências directas sobre o trabalho quotidiano dos professores nas escolas.

São múltiplas as tarefas que devem ser cumpridas, além de deverem organizar a escolaridade de crianças portadoras de deficiência na sua classe, os professores devem cumprir a produção de um conjunto de dispositivos administrativos além dos sistemas de avaliação que na globalidade bloqueiam o seu tempo de trabalho e os levam a constantes relatórios.

Mesmo que estas evoluções sejam inicialmente bem aceites por parte dos Professores, na medida em que estes estão claramente abertos a uma maior personali-

zação do ensino, da sua prática resulta uma grande sobrecarga em tempo e esforço.

Deve-se ter em conta as duas grandes correntes que percorrem o sistema francês: uma, centrada na criança privilegiando todos os seus aspectos (educação, saúde, bem-estar. etc.) e uma outra centrada no aluno e nas suas performances.

É de notar que o referido colóquio sublinha que as condições que são vividas pelos Professores nas escolas são agravadas por medidas que visam introduzir outras actividades no tempo de trabalho do Professor.

Quem se demite

Na pesquisa internacional sobre os factores ligados às condições de trabalho os Professores apontam a carga das tarefas administrativas ligando-a a um sentimento de inferiorização nas relações hierárquicas.

São vários os países, sobretudo ao nível do ensino secundário, que instituíram indicadores de referência para performances, conformes com lógicas de classificação fundamentadas em inquéritos internacionais, inerentes à nossa gestão pública que produzem uma pressão constante sobre os professores, embora, na maioria dos casos esses critérios sejam apresentados como utensílios de regulação e responsabilização visando uma melhoria do ensino.

Para a maioria dos Professores o coração da sua profissão está na relação com o aluno e nisso constitui fundamentalmente o ensino.

A França é um dos países com menor taxa de demissões de Professores, provavelmente pelo estatuto que lhe é assegurado.

Noutros países, nos quais os professores são levados a viver um estatuto de maior precariedade a taxa de demissão é certamente muito mais elevada.



amp férias

MINI CAMPO DE VERÃO

2, 3 e 4 de julho

Inscrições até 26 de Junho

3 DIAS

Associados
65,00 €

Não Associados
80,00 €



CAMPO DE VERÃO

14 a 20 de julho

Inscrições até 6 de Julho

7 DIAS

Associados
150,00 €

Não Associados
170,00 €



CASA DA TORRE
Sobrosa - Paredes

amp

ASSOCIAÇÃO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL
DOS PROFESSORES

Contacte a Delegação mais Próxima

Delegação de Guimarães

Rua Alto da Bandeira, 23, 4835-014 Guimarães

Informações e Inscrições

253 512 369 / 967 532 787

assp.dguimaraes@gmail.com | www.assp.pt

O transporte não está incluído
no valor da inscrição

Não tenho tempo

As horas voam e os dias passam. A vida é curta e, talvez por isso, poucos são aqueles que conseguem que ela lhes sirva. Mas, pelos vistos, ainda há tempo. Sobra tempo que chegue para nos vangloriarmos por não o ter. Erguemos a nossa agenda ocupada na esperança de sentirmos que temos uma vida preenchida. Olhamos para o relógio e aceleramos o passo. Sentimos que o tempo passa a correr, mas nós, espremidos pelos ponteiros impiedosos, limitamo-nos andar. Que tempos são estes em que parece que o tempo não nos dá tempo? Será verdade?

Na minha opinião, existem dois tipos de mentirosos. O primeiro é aquele que engana os outros, contudo está consciente, não só da verdade, mas também da sua falta de honestidade. O segundo tipo, mais comum do que imaginamos, é aquele que, além de enganar os outros, consegue também enganar-se a si próprio. Muitos de nós, se nos observarmos com imparcialidade, chegaremos à triste conclusão de que somos mentirosos do tipo 2. “Não tenho tempo” — a mentira mais frequente desta maleita social. Muitas vezes disfarçada de “desculpa”, esta mentira à paisana visa desresponsabilizar-nos da nossa própria vida. É uma espécie de almofada onde encostamos a consciência e pensamos: “Até vivia como quero viver, mas não tenho tempo”. Que alívio.

Somos engenhosos. Ora não temos tempo, ora já o estamos a fazer. De autómatos a autónomos em menos de nada, será? Fabricamos tempo nos tempos que já morreram, já repararam? Fazemos tempo quando o estamos a gastar e, de repente, a falta de tempo deixou de ser uma preocupação. Se os tempos mortos já não estão entre nós é por nossa culpa. Fomos nós que não lhes soubemos dar vida e os enterramos na cova do marasmo. Preenchemos essas horas com tédio, vazio e aborrecimento. Provavelmente aconteceu o que acontece sempre. Não tivemos tempo para agarrar os tempos moribundos. Fazer o luto está fora de questão, ora não fossemos nós os “tempicidas”.

Mudam-se os tempos, escondem-se as vontades. Conservamos amizades em grupos de WhatsApp e deixamo-las suspensas algures entre o “já não nos vemos há tanto tempo” e o “havemos de combinar qualquer coisa”. Não fazemos tempo para os amigos e trocamos o “como estás?” por um estado do Facebook que nos vai pondo a par das novidades. Enquanto vamos deslizando pelo *feed* até a nossa impressão digital ficar desconfigurada, vamo-nos tornando extensões das nossas cadeiras do escritório. “Sedentários crónicos incapazes de zelar pelo seu bem-estar” — é este o diagnóstico.

Queremos *apps* que façam abdominais por nós e *youtubers* que nos enfiem uma dieta elaborada pelos olhos. Sabemos tanto e fazemos tão pouco. É preciso um susto para que percamos o medo de viver? Até gostávamos de ser memoráveis, épicos e inigualáveis. Contudo, só arranjamos tempo para fazer história quando vamos ao Instagram. Vá lá, certamente somos capazes de fazer algo que dure

mais do que 24h.

O tempo cura tudo, mas nunca mais chega a hora. É uma perda de tempo viver todos os dias de forma igual. Fazemos *copy paste* a cada ano da nossa existência e depois admiramo-nos de não lhes poder chamar de vida. Vamos acrescentando anos à idade, pensando que a quantidade pode sobrepor-se à qualidade. Jamais. Assistimos à mudança da hora, mas continuamos sem ver a hora de mudar. Porquê? O tempo voa e, enquanto não as abrimos, nunca saberemos o quão grandes são as nossas asas.

Desvenda-te. No final de contas, tudo isto terá sido apenas um passatempo. Se foi bem ou mal passado, só depende da intensidade com que chamaste pela vida.



Manuel Viegas Clemente
facebook.com/semtempos

Memórias de um visitante ilustre

HANS CHRISTIAN ANDERSEN



Este famoso escritor dinamarquês visitou Portugal, passando por Setúbal, entre 8 de Junho e 9 de Julho de 1866. Conheceu em Copenhaga dois irmãos portugueses, José O'Neill e Jorge O'Neill, proprietário da Quinta dos Bonecos, na Estrada das Machadas, e foi na sua casa que se instalou.

Esta quinta de uma beleza luxuriante causou-lhe forte impressão. São suas estas palavras: "Que cores magníficas! E que variedade de flores! Até das frestas das paredes irrompiam cravos e catos... Tudo era profusa frescura, vegetação luxuriosa, sombra e água murmurante."

Sendo mês de Junho, ele escreve:

"Era então a festa de Santo António. Longe, na noite, ardiam grandes fogueiras, tanto em frente, como nos cumes dos montes, até onde a vista podia alcançar, como diante das casas dos camponeses nos laranjais. Moços e moças dançavam à volta do fogo até de madrugada. Toda Setúbal estava iluminada e em festa. Fogueiras atrás umas das outras resplandeciam em praças, ruas e becos. Foguetes subiam no ar, lançados de toda a parte, da cidade, dos barcos e até mesmo das dunas."

Do último dia em Setúbal diz:

"Dos muros do jardim para o lado sul do horizonte, vi os contornos sombrios de Palmela, S. Luís e toda a extensão da Serra da Arrábida. Eram doravante, para mim, uma cena familiar, conhecida e amada."



(Informação recolhida numa edição do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: *Uma visita em Portugal em 1866*)

Chão do Grou: uma resposta social

Ana e José Machado, emigrados na Namíbia, tinham, há muito tempo, o sonho de criar uma instituição para pessoas de mais idade que fosse um lugar de bem-estar onde se pudessem sentir como hóspedes. Ao longo dos anos, e em diferentes países, foram observando e recolhendo informação com o intuito de dar vida ao seu projeto.

Assim surgiu, em Nelas, distrito de Viseu, O Chão do Grou - Residências seniores. Esta estrutura residencial para pessoas idosas pretende prestar cuidados personalizados e qualidade de vida aos seus utentes como se estivessem “em sua própria casa”, nas palavras dos seus mentores.

No dia 23 de fevereiro, com a participação do Grupo Coral da nossa Delegação, teve lugar a cerimónia de inauguração presidida pelo Ministro do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Vieira da Silva. O Presidente da Câmara de Nelas congratulou-se com a nova estrutura residencial, garantindo o envolvimento dos seus utentes na comunidade local e a sua participação/interação nas atividades culturais e sociais (universidade sénior, movimentos associativos, encontros intergeracionais).

Nesta fase do projeto, além de vinte e três quartos, o Chão de Grou disponibiliza seis apartamentos T1 e uma aprazível zona verde envolvente com uma área de 50 mil metros quadrados. Numa segunda fase, vai ser contemplado com piscinas interiores, ginásio, espaço de culto e outras salas terapêuticas. Finalmente, numa terceira fase, prevê-se a construção de um pequeno aldeamento.

Para garantir que os dias dos seus hóspedes sejam os melhores, com a melhor saúde possível, está reunida uma equipa multidisciplinar composta por médicos, nutricionistas, fisioterapeutas e psicólogos, entre outros profissionais.

Tendo sempre em mente o bem-estar dos seus Associados, nas diversas fases da sua vida, a ASSP, Delegação de Viseu, assinou um protocolo com O Chão de Grou - Residências seniores, a fim de proporcionar aos nossos associados o ingresso nesta instituição com preços mais reduzidos.





Protecção de Dados

Caro/a Associado/a

No passado dia 25 de Maio de 2018 entrou em vigor o Regulamento Geral da Protecção de Dados.

A ASSP atribui grande importância à protecção de dados pessoais que recolhe, processa e utiliza os mesmos exclusivamente para comunicar com os seus Associados com o intuito de divulgar quer a vida da Associação, quer as férias ou actividades desenvolvidas nas Delegações, bem como os protocolos celebrados com outras instituições ou empresas a fim de conseguir benefícios para os seus Associados.

Toda a informação sobre esta matéria encontra-se disponível no nosso site, no qual poderão ler e aceitar as condições que constam da Política de Protecção de Dados Pessoais e Privacidade. Resumidamente:



Transferência dos Dados

A ASSP apenas transmitirá dados a terceiros se o titular desses dados o solicitar expressamente e autorize, devendo essa solicitação ser efectuada por escrito.



Segurança dos dados

A ASSP adoptou medidas e técnicas organizacionais adequadas para proteger os dados pessoais dos Associados armazenados nos nossos sistemas informáticos contra perda, destruição, acesso não autorizado, alteração ou divulgação.



Direito à informação, à correcção, à eliminação ou ao bloqueio de dados pessoais

O/A Associado/a da ASSP tem o direito a solicitar e a receber, gratuitamente, informações sobre os dados que foram armazenados em relação à sua pessoa e, se aplicável, o direito de pedir a correcção, bloqueio ou eliminação desses dados. Para este efeito e para quaisquer questões adicionais que possa ter relativas à protecção de dados e ao processamento dos seus dados pessoais, contacte-nos por e-mail para info@assp.pt



Muito mais

que uma associação

ASSP é a Associação de Solidariedade Social dos Professores que pensa a solidariedade como via privilegiada para que o Professor seja Professor em todos os momentos do seu ciclo de vida, do início de carreira até à aposentação.

VANTAGENS DE SER ASSOCIADO

Inscrições em: www.assp.pt

- Apoio Financeiro à Formação Contínua
- Seguros com condições especiais
- Apoio para Alojamento Temporário
- Apoio na Deslocação de Residência
- Apoio ao Estudo e Campos de Férias
- Fundo de Solidariedade Social
- Residências Sénior
- Casa de Turismo Rural
- Actividades Culturais e Convívios
- Múltiplos Descontos
- Consultoria Jurídica

T: 218 155 466 • info@assp.pt • www.assp.pt
Largo do Monte, 1 - 1170-253 Lisboa



/assp.pt/



/company/assprofessores/



ASSOCIAÇÃO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL
DOS PROFESSORES